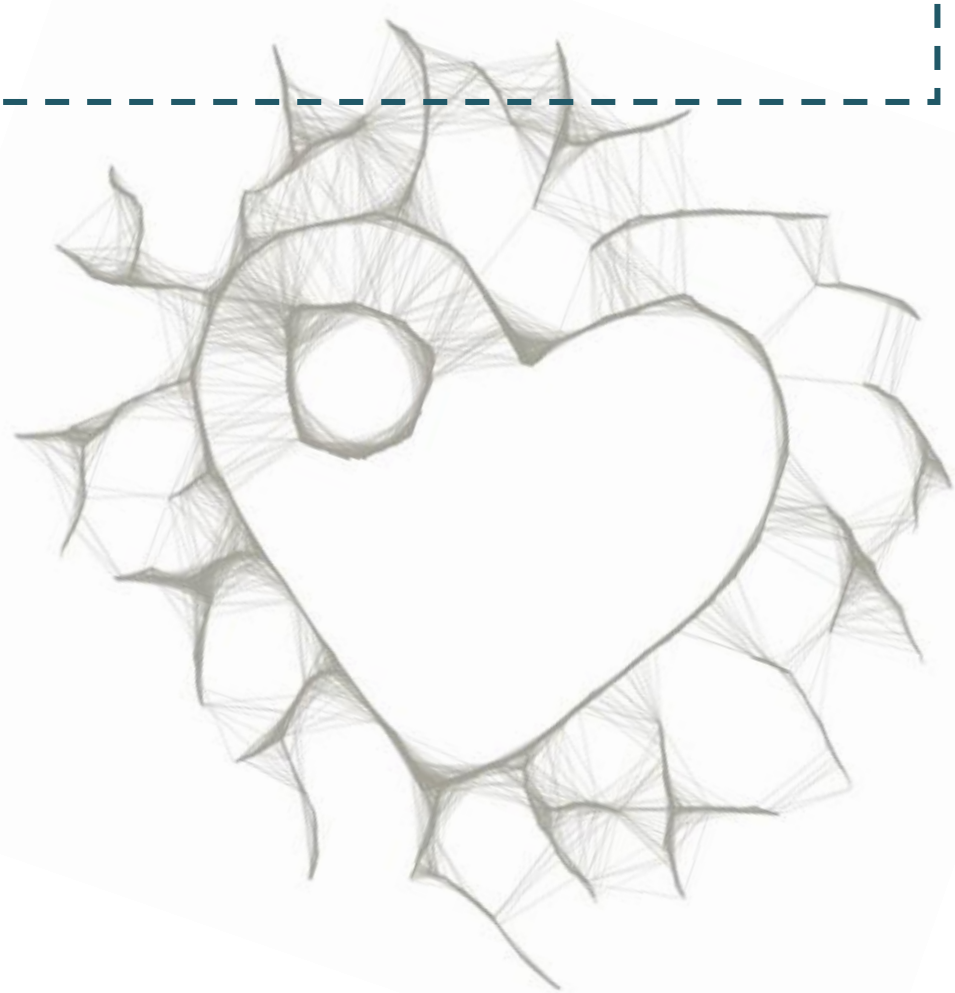

Esquemas Emaranhados

Este conto abrange um período de tempo começando do último capítulo de ***Spider's Bite*** (livro 1) e terminando logo antes do início de ***Tangled Threads*** (livro 4). É contado do ponto de vista de Detetive Bria Coolidge e mostra sua busca por sua irmã há muito perdida Genevieve Snow. O que Bria não sabe é o que vai fazer sobre o fato de que Genevieve também acontece de ser a assassina Aranha.



Tangled Schemes - Esquemas Emaranhados

— Conte-me o que você sabe sobre a Aranha.

Harriet Montgomery jogou outro pretzel em sua boca. Ela tomou seu doce tempo mastigando o salgadinho, depois bateu para trás um longo gole de sua cerveja barata. Harriet estalou os lábios para se livrar da espuma que os salpicou e estendeu a mão para outro pretzel, como se nem sequer tivesse ouvido minha pergunta.

Agarrei a tigela de plástico de pretzels da semana passada e os puxei para longe dela. — Agora. Eu quero saber o que você sabe sobre a assassina Aranha *agora mesmo*.

Harriet me olhou através de olhos castanhos turvos, injetados de sangue. Seu cabelo vermelho opaco pendia em fios lisos, flácidos em volta de seu rosto e apenas roçava o colarinho de sua jaqueta barata, de couro plástico preto.

Estávamos em um dive bar[1] chamado de Última Chamada, não muito longe de Southtown, a parte de Ashland que era o lar de vagabundos, prostitutas, membros de gangues, e outras pessoas violentas, desesperadas e perigosas. Harriet foi quem sugerira que nos encontrássemos aqui, e o bar era exatamente o que eu esperava que fosse - pequeno, apertado e decadente.

Embora fosse apenas depois das três da tarde, as persianas de plástico encardidas nas janelas estavam fechadas, ocultando o sol de Dezembro e fazendo parecer muito mais escuro e mais tarde no dia do que realmente era. Música country alternadamente lamentava e crepitava de um jukebox surrado e cintilante no canto de trás. A maioria dos homens e mulheres debruçada sobre as mesas cicatrizadas usava calças e jaquetas de couro que os marcavam como motoqueiros, embora alguns ostentassem chapéus e botas de cowboy ao invés. Quase todos tinham uma cerveja em uma mão e um cigarro na outra, e fumaça pairava em grossas nuvens azuis sobre o bar de madeira que descia uma parede.

Uma vez que eu estava certa que ninguém estava mais interessado em nossa conversa do que deveria estar, voltei-me para Harriet. — Você não respondeu minha pergunta.

---

[1] O termo dive bar nasceu nos EUA no fim do século XIX e se referia aos lugares de atmosfera sinistra, ambiente malconservado e clientela suspeita - onde, com a intenção de se proteger de uma possível confusão, era preciso "mergulhar" embaixo das mesas.

Ela se mexeu em sua banqueta e tomou outro trago de sua cerveja. Harriet Montgomery era uma informante, uma vigarista insignificante que ocasionalmente delatava os outros quando o preço era justo. Um par de dias atrás, ela veio a mim dizendo que tinha informações sobre a Aranha. Todo mundo em Ashland estava falando sobre a Aranha esses dias, desde que a assassina havia declarado guerra a Mab Monroe, a Elementar de Fogo que era a cabeça do submundo da cidade.

Como uma detetive do Departamento de Polícia de Ashland, era meu dever jurado encontrar a Aranha e trazê-la à justiça por todos os assassinatos que ela tinha cometido - não importa o que.

O que eu não sabia era o que fazer sobre o fato de que a Aranha também acontecia de ser a minha irmã mais velha Genevieve Snow. A garota que eu tinha visto Mab torturar na noite que a elementar de Fogo assassinara nossa mãe, Eira, e irmã mais velha, Annabella. A garota que eu tinha pensado que Mab matara naquela noite, assim como a elementar de Fogo quisera me matar.

Culpa se agitou no meu estômago do jeito que sempre fazia, sempre que eu pensava naquela noite terrível - e a coisa covarde eu tinha feito para sobreviver a ela.

— Apenas relaxe, você vai, Detetive Coolidge? — Harriet finalmente balbuciou. — Eu te contei que não sei de nada, mas que minha amiga sabe. Ela estará aqui em breve - e estará esperando aquele dinheiro que você prometeu pela informação.

Seus olhos cintilaram com interesse frio, e eu reprimi um suspiro cansado. Em outras palavras, a mulher esperava ser paga, provavelmente por informação falsa, e Harriet sem dúvida esperava um pedaço. Mas era minha própria culpa, na verdade. Eu queria encontrar a Aranha, queria encontrar Genevieve, tão mal que começara a oferecer dinheiro por informações sobre ela. Meu próprio dinheiro, tirado do fundo fiduciário que meus pais adotivos tinham criado para mim antes de suas mortes.

Até agora, eu não conseguira exatamente nada pelo meu tempo, problema e dinheiro. Nenhuma pista sobre quem a Aranha era, onde ela poderia atacar em seguida, ou por que ela decidira ir atrás de Mab Monroe. É claro, eu imaginava que Genevieve queria matar Mab por assassinar nossa família, como era a conclusão mais lógica, mas eu não ia compartilhar essa informação com os policiais corruptos na força. Saber que a minha irmã era a Aranha e que nós duas tínhamos um rancor contra Mab me faria um alvo maior para os outros membros do departamento de polícia do que eu já era. Policiais bons e honestos como eu, eram uma raridade em Ashland. Dos novatos mais humildes até os oficiais mais

experientes, a maior parte das pessoas na força preferia aceitar dinheiro para olhar para o outro lado e ignorar todos os criminosos que cruzavam seus caminhos.

Mas o meu problema mais premente era que eu não sabia como Genevieve parecia agora, que nome ela poderia estar usando, ou onde ela poderia estar vivendo em Ashland. Era como se ela fosse um fantasma que apenas apareceu magicamente, matou os homens de Mab, e desvanececeu em nada. Genevieve sempre fora esperta, mas levara isso a um novo nível como a Aranha.

Eu não sabia se isso era bom ou ruim.

Harriet deve ter sentido minha frustração, porque sorriu abertamente, mostrando-me o espaço entre seus dentes da frente. — Não se preocupe, Detetive. Minha amiga estará aqui em breve, e então, ela vai responder a todas as suas perguntas sobre a Aranha.

Pelas minhas costas fora da vista de Harriet, cerrei meus dedos em punhos para não ficar tentada a empurrar para frente e sacudir a informação fora dela agora mesmo - se ela ou sua amiga sequer tivessem alguma para começar.

Impaciente, eu me deixei cair em um banquinho no canto do bar não muito longe de onde Harriet estava sentada e fiz sinal para o garçom me trazer uma cerveja. Eu não tinha nenhuma intenção de beber qualquer coisa, mas era melhor se misturar - tanto quanto eu poderia, de qualquer maneira, tendo em conta todo o couro e chapeus de cowboy. O barman colocou um copo sujo na minha frente, seus movimentos bruscos fazendo cerveja espirrar sobre o lado e preencher as ranhuras irregulares na madeira. Coloquei uma nota de cinco dólares ao lado da cerveja derramada. O barman limpou meu dinheiro e se dirigiu para baixo da fila até seu próximo cliente.

Ele se afastou, e meu reflexo me encarou de volta do espelho rachado atrás do bar. Cabelo loiro, olhos azuis, um longo casaco preto usado sobre o meu suéter e jeans. Talvez fosse a luz fraca ou as nuvens de fumaça sufocante, mas eu parecia cansada hoje à noite. Inferno, eu me sentia cansada. Eu tinha por dias agora, mas estava determinada a ver esta coisa até o fim, mesmo que este encontro com Harriet e sua amiga misteriosa fosse, provavelmente, uma outra perda do meu tempo e dinheiro.

Eu me certifiquei de que minhas costas estivessem para a parede e de ter uma visão clara da sala e todos nela. Uma vez que isso estava feito, não havia mais nada a fazer senão sentar aqui e ignorar os olhares curiosos vindo em minha direção até a amiga de Harriet aparecer.

Droga. Eu odiava esperar.

Tudo começara com um simples envelope pardo há algumas semanas.

Alguém tinha rabiscado *Detetive Bria Coolidge* através do envelope. Nada de incomum nisso - exceto o fato de que tinha sido entregue na minha casa e não na delegacia de polícia onde eu trabalhava perto de Savannah, Georgia. Eu mantinha o endereço da minha casa particular, por razões óbvias, então olhei atentamente para a caligrafia espigada, tipo Aranha. Por alguma razão, eu pensei que deveria reconhecê-la. Eu podia jurar que tinha visto essa mesma caligrafia em algum lugar antes, mas a memória simplesmente não vinha a mim.

Curiosa, fechei a porta da frente da minha casa, fiquei lá na entrada, e cuidadosamente examinei o envelope, me perguntando se alguém me enviara uma desagradável surpresa já que não havia nenhum endereço do remetente. Isso já havia acontecido antes. Mais de um gênio criminoso pensara que poderia me afugentar de um caso, enviando-me fotos de mim mesma com um centro de alvo vermelho pintado na testa ou enchendo um rato morto em uma caixa e embrulhando-a para se parecer com um presente.

Corri minhas mãos para cima e para baixo do envelope. Não havia muito nele. Um par de folhas de papel, no máximo. Sem ratos mortos hoje.

Fui até a cozinha e vesti o par de luvas de borracha que eu mantinha na pia, assim eu não contaminaria o que quer que estivesse dentro com as minhas impressões digitais. Depois, agarrei uma faca de uma das gavetas e a usei para cortar aberta a extremidade do envelope. Dentro havia uma única foto. Tirei-a do lado errado e me vi olhando para a parte de trás da foto. Mais caligrafia estava rabiscada lá, uma curta nota que dizia *Isto foi tirado em Agosto em Ashland. Ela precisa de você, Bria, e você precisa dela. Está na hora de vir para casa.*

Não foi a nota mais sinistra que eu já tinha recebido. De fato, não havia absolutamente nada ameaçador sobre ela. Mas fez meu coração disparar e minhas mãos suarem mesmo assim, e eu não sabia o porquê.

Eu virei a foto, e tudo apenas… parou.

A mão de uma mulher se estendia na foto, os dedos bem abertos, como se ela tivesse tentado bloquear a câmera, como se não quisesse ter sua foto tirada por algum motivo. Mas o ângulo da foto me dava uma visão cristalina da cicatriz no centro de sua palma. Um pequeno círculo rodeado por oito raios finos. O símbolo para paciência.

Uma runa de aranha - a runa de minha irmã mais velha Genevieve.

Todo o ar saiu com um assobio de meus pulmões e meus joelhos cederam. Eu caí contra o balcão da cozinha, depois deslizei até o chão. Os pratos sujos na pia chacoalharam com os movimentos bruscos e súbitos.

Pelos últimos dezessete anos, eu tinha pensado que Genevieve estava morta, que Mab Monroe a matara assim como a Elementar de Fogo assassinara nossa mãe e irmã mais velha. Eu tinha visto o que Mab lhe fizera naquela noite, como a Elementar de Fogo fizera Genevieve segurar sua própria runa enquanto Mab superaquecia o silverstone e o queimava nas mãos da minha irmã. Eu tinha ouvido os gritos de Genevieve, e cheirado o fedor de sua carne queimada. Eu pensara que ninguém poderia sobreviver a tanta dor assim, para não mencionar o colapso de nossa casa, mas esta foto provava o contrário. Eu teria reconhecido a runa de aranha de Genevieve em qualquer lugar - *em qualquer lugar*.

Metal cavou em minha palma, me tirando das minhas memórias, e percebi que estava agarrando minha própria runa, uma delicada prímula, o símbolo de beleza. Eu usava a runa em uma corrente em volta do meu pescoço, assim como o resto da minha família tinha. A runa da minha mãe, de Eira, tinha sido um floco de neve, representando calma glacial, enquanto a hera curva de Annabella tinha simbolizado elegância.

Forcei-me a soltar o metal frio e baixei o olhar para minha mão. Três aneis de silverstone cintilavam no meu dedo indicador esquerdo. Flocos de neve rodeavam uma faixa, enquanto heras se enrolavam através de outra. O terceiro anel tinha uma pequena runa de Aranha gravada no meio dele. Eu usava os aneis todos os dias, assim como usava meu próprio colar de runa de prímula. Era minha maneira de lembrar minha família assassinada.

Exceto que agora eu sabia que Genevieve estava viva - minha irmã estava *viva*.

Pernas tremendo, fiquei de pé e vasculhei uma das gavetas de sucata na cozinha até que encontrei uma lente de aumento. Usando a lente, espiei a foto de todos os ângulos, tentando ver cada detalhe que pudesse, tentando conseguir cada pista que pudesse dos pixels coloridos.

Mas não havia muito para ver. Tudo o que eu pude distinguir no fundo foi a curva borrada de um sorriso. Nenhuma das outras características de Genevieve era visível. Nem seu cabelo, nem suas roupas, nada. Quem quer que tivesse tirado a foto tinha sido muito cuidadoso de mostrar apenas a cicatriz na palma de sua mão e nada mais.

Frustração me encheu, queimando como ácido no meu estômago. Minha irmã era feliz? Ela estava segura e aquecida? Ela tinha um lugar para morar, comida suficiente para comer? Ela sequer se lembrava de mim e do que acontecera com a nossa família?

Ela sentia minha falta como eu sentia falta dela?

As perguntas encheram minha mente, mais e mais delas até que elas expulsaram tudo o resto. Mas, claro, eu não tinha respostas para nenhuma delas - nem uma única. Inferno, eu nem sequer sabia quem me enviara a foto ou porquê. Por que agora, depois de dezessete anos? O que esta pessoa misteriosa queria? O que eu deveria fazer agora que sabia que Genevieve ainda estava viva?

Olhei para a mensagem rabiscada no verso da foto de novo. *Ela precisa de você, Bria, e você precisa dela. Está na hora de vir para casa.*

Casa. Uma palavra tão pequena, mas significava tantas coisas - e nem todas elas eram boas. Eu tive uma vez uma casa e uma família que me amara, até Mab tê-las destruído com sua magia de Fogo. Mas acima de tudo, eu tive Genevieve. Nós duas tínhamos sido uma equipe. Annabella fora mais velha e mais interessada em meninos do que qualquer outra coisa, enquanto mamãe sempre parecera ocupada e distraída. Mas Genevieve sempre tivera tempo para mim - sempre.

Tantas memórias inundaram minha mente então. Nós duas brincando de esconde-esconde ou tendo falsas festas de chá com minhas bonecas e bichinhos de pelúcia. Genevieve me ajudando a sacudir os globos de neve que minha mãe colecionava, enquanto tentávamos fazer a neve dentro deles rodopiar para cima ao mesmo tempo. Genevieve preparando para mim chocolate quente com marshmallows exatamente do jeito que eu gostava. Genevieve me deixando rastejar na cama com ela tarde da noite sempre que eu tinha um sonho ruim.

Meu coração se apertava sobre si mesmo com cada memória, com cada lembrança agridoce do que eu tinha perdido quando Mab decidira destruir a família Snow.

Abaixei a mão e torci um dos aneis em torno do meu dedo indicador. Aquele com a runa de Aranha gravada no meio dele. O anel de Genevieve. A runa definida no meio da

silverstone brilhou com o movimento, e de repente, eu sabia exatamente o que ia fazer - o que tinha que fazer.

Eu ia voltar para Ashland. Eu ia casa para encontrar minha irmã e fazer Mab pagar pelo que tinha feito para nós - não importa o que.

Tive sorte. Um lugar acabara de abrir-se no Departamento de Polícia de Ashland, desde que um Detetive chamado Donovan Caine estava procurando deixar a cidade. Contatei Caine, e arranjamos uma simples troca - ele tomaria o meu trabalho, e eu tomaria o seu. Sem confusão, sem complicação, nem queixas demais dos nossos supervisores.

Caine soou cansado no telefone quando liguei para ele para fazer os arranjos finais. — Você está realmente certa de que quer vir para Ashland, Bria? — ele me perguntou pela quinta vez. — Não é como o que você está acostumada lá em baixo.

— O que quer dizer?

Ele ficou calado por um momento. — Quero dizer que é um lugar duro para tentar cumprir a lei. Às vezes, parece como se houvesse mais criminosos do que pessoas honestas e decentes. — Caine hesitou de novo. — E a maioria dos policiais não é muito melhor do que os criminosos que eles ocasionalmente prendem. Meu parceiro era um desses. Na verdade, ele era pior.

— Eu cresci em Ashland, Donovan, — Eu disse. — Eu sei quão violenta a cidade é e como Mab Monroe tem seus dedos em tudo.

Talvez eu não tivesse sido exatamente ciente disso quando era criança, pelo menos não até Mab ter feito sua visita de fim de noite à minha casa, mas todos sabiam que Ashland não era exatamente a cidade mais segura do Sul. A maioria dos policiais que eu conhecia na Georgia agradecia suas estrelas da sorte que eles não trabalhavam em Ashland, e ninguém conseguia entender por que eu queria me mudar para lá. Eu não contara a ninguém sobre receber a foto de Genevieve pelo correio. Meus amigos na força iriam apenas tentar convencer-me de que alguém estava jogando um jogo doente comigo. Talvez esta pessoa estivesse, mas eu tinha que descobrir por mim mesma. Se houvesse a menor chance de que Genevieve ainda estivesse viva, então eu ia encontrá-la - não importa o que.

— Então, por que você iria quer vir para cá? — Donovan perguntou.

Desta vez, eu fiquei calada. — É um assunto de família. Vou voltar para casa para rastrear um parente que eu não vi em anos. Agora, aqui está a minha pergunta para você. Por que você quer ir embora tanto? Além da taxa de criminalidade nas alturas e policiais sujos?

— Há uma mulher de quem eu preciso ficar longe.

Franzi o cenho. — Que mulher? E por que você precisa ficar longe dela?

Donovan soltou uma risada amarga. — Espero que você nunca descubra. Boa sorte para você, Bria. Você vai precisar.

Ele desligou na minha cara.

Alguns dias mais tarde, fizemos a troca, e eu estava de volta em Ashland. Imediatamente parti para encontrar Genevieve, mas não tinha nada para continuar. Eu tive forenses dando uma olhada na foto antes de ter deixado a Georgia, mas não havia quaisquer impressões digitais sobre a foto ou envelope, e não havia nada de especial sobre o papel ou tinta que foram usados. Então eu comecei a cavar através dos registros policiais, mas não havia relatos de uma mulher com runas de Aranha marcadas em suas palmas alguma vez ter passado por Ashland ou como uma vítima ou uma criminosa. Ampliei minha pesquisa para orfanatos e lares adotivos, pensando que talvez Genevieve tivesse sido adotada como eu tinha, mas não deu em nada de novo. Era como se Genevieve tivesse apenas cessado de existir, e nada do que eu fazia me dava qualquer pista de onde ela podia ter ido ou onde podia estar agora. A verdade era que eu estava em um beco sem saída antes mesmo de ter começado.

Oh, os outros policiais me contaram uma abundância de histórias bizarras - rumores, na verdade - sobre alguma assassina que andava por Ashland chamando a si mesma de Aranha. Supostamente, ela era a melhor no negócio e poderia chegar a qualquer um, em qualquer lugar, a qualquer hora. Em sua maior parte, ignorei as histórias já que essa não poderia possivelmente ser Genevieve. Ela nunca poderia matar qualquer um, muito menos ser a notória assassina que assassinava pessoas por dinheiro. Não minha irmã mais velha.

Donovan Caine tinha estado certo sobre os outros policiais, porém. Meu parceiro, um gigante chamado Xavier, parecia ser um bom sujeito, mas a maioria de todos os outros na força estava mais interessada em aceitar subornos e estofar suas carteiras já gordas do que colocar criminosos atrás das grades onde eles pertenciam. Ainda assim, eu fazia o melhor

trabalho que podia, apesar de minha honestidade rapidamente ter me rotulado como uma vadia de coração frio que apenas não era um membro da equipe. Como se eu me importasse. Eu não estava em Ashland para ser popular - estava aqui para fazer a diferença e ajudar aqueles que precisavam. Esse era o juramento que eu tinha feito quando me formara na academia de polícia, e isso era o que estava determinada a fazer.

Desde que eu não conseguia encontrar Genevieve, me concentrei na minha outra razão para voltar a Ashland - derrubar Mab Monroe. Cavei através de relatórios antigos, questionei testemunhas, e comecei a construir meu caso contra a Elementar de Fogo. Eu não sabia se poderia pegar Mab pelo assassinato da minha família, mas eu certo como o inferno ia tentar. Realmente, eu prenderia a vadia por qualquer coisa que eu pudesse, mesmo se fosse apenas por uma infração de trânsito. Era um lugar para começar, pelo menos. Os outros policiais tentaram me alertar em uma variedade de maneiras amigáveis e não-tão-amigáveis, mas eu deixei saber que nada ia me fazer desistir. A palavra *suicida* rapidamente foi marcada sobre *vadia de coração frio*.

Então veio a noite em que Elliot Slater invadiu minha casa. O gigante trabalhava para Mab como seu principal executor, o cara que descartava permanentemente, silenciosamente qualquer um que criasse problemas demais para Mab - como eu. Estive esperando Mab enviar alguém atrás de mim desde que estava desenterrando toda a roupa suja dela, mas Slater e seus homens tinham irrompido dentro da minha casa e conseguido a vantagem. Eu levara um tiro no intestino, e eles estavam prestes a me matar quando uma estranha mulher usando uma máscara de esqui tinha aparecido na minha sala de estar e os eliminado ao invés - com facas silverstone nada menos.

No início, pensei que ela era louca. Quem diabos poderia matar uma sala cheia de gigantes com apenas um par de facas? Mas um por um, ela os abateu, e comecei a pensar que talvez aqueles rumores sobre uma assassina chamada Aranha não fossem tão forçados afinal de contas, especialmente quando ela enviou Slater correndo por sua vida. Eu tinha pensado que ela poderia me matar também, mas em vez disso, ela na verdade queria conversar comigo - quase como se me conhecesse. Essa deveria ter sido a minha primeira pista sobre quem ela realmente era, mas eu estava com tanta dor no momento que tomara tudo o que tinha apenas para me manter de pé.

— O que você é então? — Eu perguntara a ela a certa altura. — Algum tipo de anjo da guarda?

— O anjo da morte, talvez, — ela respondera em um tom leve. — Pessoas que tem anjos da guarda geralmente não precisam dos meus serviços.

Desmaiei depois disso, e quando acordei, estava completamente curada, e todo o sangue e corpos tinham desaparecido da minha casa como se nunca sequer tivessem estado lá para começar. Alguém usara magia elementar de Ar para me juntar de volta e limpar a minha casa - eu podia sentir os mais fracos resquícios de magia crepitando no ar como eletricidade estática. Isso me colocou no limite, especialmente desde que o poder parecia tão diferente da minha própria magia de Gelo.

Mas não tive tempo para me perguntar sobre a assassina e por que ela salvara a minha vida, porque Elliot Slater tinha outro alvo - Roslyn Phillips, uma bela vampira com quem Slater estava obcecado. Xavier, meu parceiro, estava apaixonado por Roslyn, o que complicou a situação, assim como o fato de que Roslyn recusou a minha ajuda e fingiu que nada estava errado - mesmo depois de uma cena feia com Slater a bordo do cassino flutuante *Delta Queen*. Uma em que Roslyn disse a todos a bordo sobre como Slater a estava fazendo fingir ser sua namorada e quanto ele a enojava.

Roslyn desapareceu depois disso. Eu queria ajudar a vampira a prestar queixas contra Slater por perseguição, então fiz o meu melhor para encontrá-la, mas eu não tinha uma única pista - até que alguém recorreu a uma denúncia anônima sobre um monte de corpos na mansão rústica de Slater nas montanhas acima de Ashland.

Xavier e eu nos apressamos até lá para encontrar uma sangrenta e machucada Roslyn e vários corpos não só na mansão, mas na floresta ao redor, também. Roslyn contou uma história que era assustadoramente semelhante à minha. Slater sequestrara Roslyn e ia espancá-la até a morte - mas uma mulher mascarada tinha intervindo, matando o gigante e o resto de seus homens ao invés.

A notícia rapidamente tinha vazado para a mídia, e eu estava do lado de fora com os repórteres e outros policiais quando alguém disparara um dispositivo explosivo e uma runa tinha aparecera, queimando na pedra da mansão de Elliot Slater.

Um pequeno círculo rodeado por oito raios finos. O símbolo para paciência. Uma runa de aranha - a runa de Genevieve.

Tantas coisas se juntaram em minha mente, então. Por que a assassina me salvara, por que salvara Roslyn, por que matara Elliot Slater, por que estava anunciando sua presença com todo mundo olhando, incluindo Mab Monroe.

Fiquei lá e encarei a runa de aranha até que se reduziu a cinzas, e sua luz prateada finalmente desbotou, mas eu não pude negar a verdade por mais tempo.

Minha irmã mais velha Genevieve estava de fato viva - e ela era a notória assassina a Aranha.

Redobrei meus esforços para encontrar Genevieve, mas não tive mais nenhuma sorte desta vez. Eu ainda não tinha nenhuma pista, além da foto, e nenhuma ideia de onde encontrar alguma. Então, eu colocaria a notícia na rua de que estava oferecendo dinheiro por informações que me levassem até a Aranha. Se eu não pudesse encontrar Genevieve, imaginei que eu iria rastrear seu alter-ego ao invés.

Mas havia ainda menos informações sobre a Aranha. Ninguém sabia quem ela era, como ela se parecia, ou onde sua casa base podia ser. Inferno, ninguém sequer parecia saber como você procedia para contratá-la. Ela só parecia matar quem quisesse, quando quisesse. E agora, ela tinha seus olhos postos em Mab Monroe.

Quanto mais duro olhava e mais dinheiro que pagava por informações inúteis, mais furiosa eu ficava - com Genevieve. Minha irmã me salvara de Elliot Slater, então ela sabia que eu estava de volta em Ashland. Ela não tinha me reconhecido? Por que não me contatou? Eu poderia entender não querer um encontro cara-a-cara, já que eu era uma policial, mas ela podia ter me ligado no mínimo. Ela não queria me ver? Ela sequer se lembrava de mim? Ou Mab tinha reduzido a cinzas todas as memórias da nossa família de seu coração naquela noite há tanto tempo?

Eu não sabia as respostas para nenhuma das minhas perguntas, e isso estava me deixando louca.

Um dedo me cutucou no ombro, me tirando das minhas memórias. Olhei para Harriet, que tinha drenado mais duas cervejas e esvaziado a tigela de pretzels enquanto estávamos sentadas aqui.

— O quê? — Grunhi.

Ela levantou um celular. — Eu disse que minha amiga acabou de me ligar. Você não ouviu meu telefone tocar?

Dei de ombros, sem me preocupar em contar a ela sobre o que eu realmente estive pensando.

— De qualquer forma, minha amiga está esperando lá fora por nós, — Harriet disse.

Meus olhos se estreitaram. — E por que ela não entra aqui? No bar?

Harriet deu de ombros. — Ela não gosta de multidões, especialmente este tipo de multidão.

Olhei para os tipos rudes que se debruçavam sobre suas bebidas. Os motoqueiros e cowboys se entreolhavam com aberta hostilidade, e a tensão entre os dois grupos era tão grossa quanto a fumaça azul sobre o bar.

— Justo o suficiente, — Eu disse.

Harriet bateu um pouco de dinheiro no bar para cobrir suas cervejas aguadas e pretzels velhos e se dirigiu à porta. Eu a segui.

Harriet levou-me para fora, descendo a rua, e para o beco no final do quarteirão. Uma mulher se encostava na parede do beco, fumando um cigarro de cravo. Ela usava um terninho Fiona Fine justo que custava mais do que tudo o que eu vestia junto. O tecido caro era de uma rica cor âmbar que combinava com sua pele e cabelo, que estava puxado para trás em um coque elegante. Ela era bastante bonita, com maçãs do rosto altas, pele perfeita, e olhos que eram de um incrível tom de verde. Uma corrente de ouro delicada rodeava seu pescoço, e avistei um relógio combinando no seu pulso esquerdo.

As roupas bonitas, as joias, o rosto marcante. A mulher não era o que eu esperava, o que me deixou ainda mais inquieta. O que alguém que parecia tão estruturada teria a ver com Harriet, que era a própria definição de insignificante?

A mulher deve ter sentido minha cautela porque sorriu para mim, revelando duas pequenas presas. Uma vampira então.

— Esta é Selene, — Harriet disse. — Minha amiga.

Ela não me apresentou. Não havia necessidade. Abri meu casaco e o empurrei para trás para que Selene pudesse ver o distintivo de ouro de Detetive preso ao meu cinto - junto com a arma lá.

— Harriet diz que você tem informação sobre a Aranha, — Eu disse, querendo acabar logo com isto. — Aqui está como funciona. Você me conta o que tem, e eu vou decidir o quanto vale a pena. Se eu gostar do que ouço, você recebe alguns dólares.

Selene deu outra tragada no seu cigarro e depois o jogou fora. Ele acendeu por um momento antes de queimar totalmente. A vampira afastou-se da parede e se aproximou de mim. Em vez de parar na minha frente, ela circulou ao redor, olhando-me de todos os ângulos. Quando sua inspeção terminou, ela deu um aceno de aprovação e olhou para Harriet.

— Você fez bem encontrando esta, — Selene disse numa voz rouca. — Ela vai se encaixar perfeitamente com as outras garotas.

Minhas sobrancelhas dispararam para cima. Se encaixar perfeitamente onde? E com que outras garotas?

Selene viu o meu olhar questionador. Ela soltou uma risada baixa e sorriu para mim de novo. — Pobre policial, você não sabe o que está acontecendo, sabe? Deixe-me explicar para você, querida. Eu sou o que vocês policiais se referem como uma madame. Eu tenho o meu próprio lugar bem no coração de Southtown, com diversas meninas que trabalham para mim. Mas meus clientes, bem, às vezes, eles querem carne fresca. Uma garota de boa aparência assim como você, com todo esse lindo cabelo loiro e esses grandes olhos azuis.

Um relatório policial surgiu na minha cabeça, algo que passara pela minha mesa há alguns dias, logo antes de Slater e seus homens terem sido assassinados pela Aranha. Alguém estava andando por Southtown sequestrando mulheres, agarrando-as diretamente das ruas a caminho de suas casas do trabalho ou dominando-as nas garagens de estacionamento na área. A maioria das mulheres foi encontrada em becos exatamente como este algumas semanas mais tarde. As que não foram espancadas até a morte ou não morreram de exposição tinham sido estupradas, torturadas e bombeadas totalmente de tantas drogas que mal conseguiam se lembrar de seus próprios nomes, muito menos do que tinha acontecido com elas.

— Então você é a pessoa que tem sequestrado mulheres e dando-lhes a estranhos para serem estupradas, — Eu disse. — Você escolheu a policial errada para mexer, *querida*. Eu não aceito suborno - nunca.

Seu sorriso ficou um pouco mais largo, e suas presas cintilaram como navalhas em sua boca. — Oh, querida, eu não quero subornar você. Eu posso ganhar o suficiente com você para viver em grande estilo. Por um mês ou dois, de qualquer forma, dado os meus gostos bastante caros.

Pela primeira vez, percebi que estava apenas conversando com Selene. Onde diabos estava Harriet…

Pelo canto do meu olho, avistei a outra mulher se aproximando sorrateiramente de mim. Ela levantou a mão, e algo brilhou prata ao sol da tarde. Girei ao redor e peguei o pulso de Harriet pouco antes de ela ser capaz de espetar uma seringa suja no lado do meu pescoço. Harriet devia ter um pouco de sangue de anão em sua árvore genealógica, porque mesmo que fosse mais baixa do que eu, ela era muito mais forte. Não tão forte como um anão seria, mas ela não era moleza tampouco.

Nós alternamos para frente e para trás por alguns segundos antes de eu finalmente conseguir dirigir minha bota no joelho de Harriet. Ela uivou de dor e se dobrou, e eu a empurrei para longe. Harriet tropeçou para trás na parede beco, e a seringa caiu de sua mão e deslizou através do concreto. Eu tinha apenas começado a alcançar minha arma quando braços me envolveram por trás, fixando minhas mãos dos meus lados.

— Apenas fique parada, querida, — Selene murmurou no meu ouvido. Sua respiração recendia o cigarro de cravo que ela tinha fumado. — Você não vai sentir nada. Harriet, traga essa maldita seringa aqui agora mesmo!

Meus olhos se estreitaram. Como o inferno que eu iria. Bria Coolidge não se rendia para ninguém - nunca.

Eu não podia alcançar minha arma para colocar um par de balas no peito da vadia como eu queria, mas estava longe de ser indefesa, mesmo contra uma vampira que era mais forte do que eu. Porque além de nossas runas de silverstone, as mulheres da família Snow tinham outra coisa em comum - todas tínhamos magia elementar de Gelo.

Alcancei minha magia, saboreando a sensação do poder fresco ondulando pelas minhas veias. Como uma elementar, eu podia criar, controlar e manipular Gelo de qualquer maneira que eu quisesse. Talvez tenha sido porque estive pensando sobre Genevieve tanto ultimamente, sobre a Aranha e todos os homens que ela tinha matado, mas neste momento, eu estava no humor para criar uma forma muito específica com a minha magia.

Levou apenas um segundo para eu formar uma faca irregular de Gelo na minha mão direita. Quando foi feita, levantei meu pé e o esmaguei no peito do pé de Selene, bem em cima de um dos extravagantes pumps[2] Bella Bulluci que ela estava usando. A vampira rosnou, mas não soltou. Eu não esperava realmente que ela soltasse, mas seu aperto em meus braços afrouxou apenas o suficiente para eu fazer o que realmente queria, que foi trazer a minha mão para cima.

[2] Tipo de sapato parecido com scarpin, mas com plataforma.

Então, eu bati a faca de Gelo em sua perna tão profundamente quanto iria.

A vampira gritou, alto e forte o suficiente para me fazer estremecer. Selene pulou para trás, e a faca puxou livre de sua perna. Eu rodopiei e golpeei para fora com ela. O caco frio pegou a vampira pelo peito, rasgando sua jaqueta e tirando sangue. Não foi uma ferida profunda, mas iria doer como o inferno.

— Vadia! — ela gritou. — Você arruinou meu terno!

Como se eu me importasse. Em vez de responder, eu apertei meus dedos em torno do caco de Gelo e o usei como um oco inglês enquanto eu dirigia meu punho para seu rosto. A cabeça de Selene estalou para trás contra a parede beco, e ela despencou para o chão.

Um arrastar de pés soou, e olhei sobre meu ombro. Harriet se agachou no chão beco, a boca aberta em surpresa. Quando viu que eu ainda estava de pé e que sua amiga Selene não estava, Harriet se esforçou para ficar de pé.

Troquei a faca de Gelo para minha mão esquerda, depois usei minha direita para tirar a arma do coldre no meu cinto e nivelá-la com seu rosto. Harriet congelou.

— Acho que tenho sangue o suficiente em mim já, — Eu disse em uma voz calma, furiosa. — Mas eu ficaria feliz em adicionar o seu à mistura. Eu ficaria parada, se fosse você.

Harriet decidiu ficar parada.

Eu podia não ser tão mortal quanto Genevieve aparentemente se tornara como a Aranha, mas eu podia cuidar de mim mesma quando a situação ficava crítica - mesmo em Ashland.

Usei o meu celular para levar a situação para a delegacia. Eles tomaram seu fodido tempo doce para chegar aqui, mas, eventualmente, vários outros policiais apareceram, e Harriet e Selene foram levadas de carro. Voltei para a delegacia para preencher a papelada necessária e me limpar. Eu estava me preparando para sair pelo dia quando Xavier parou na minha mesa.

Xavier era um gigante. Por volta de 2.1 metros de altura, ele era uma figura imponente com um corpo forte, mas seus olhos negros eram gentis, e ele quase sempre

tinha um sorriso para mim. Sua cabeça careca cintilava como ébano polido sob as luzes fortes da delegacia.

— Acabei de ouvir sobre a prisão. Bom trabalho, Bria, — Xavier disse, sorrindo largamente para mim. — Muita gente em Southtown vai dormir um pouco mais fácil esta noite sabendo que Selene está fora da rua.

O sorriso largo caiu de seu rosto. — Mas você devia ter me chamado para o apoio.

Levantei uma sobrancelha. — Eu sou uma garota crescida, Xavier. Posso cuidar de mim mesma - e Selene tem as feridas de faca para provar isso.

— Eu sei, — ele disse. — Mas Southtown ainda é perigosa, não importa se você é um anão, um gigante, um vampiro, ou um elementar. Você precisa se lembrar disso. O que você estava fazendo ali, afinal? Você não estava escalada para trabalhar hoje.

— Eu estava seguindo uma pista sobre a Aranha.

Alguma emoção cintilou nos olhos de Xavier. — É isso mesmo? — Ele hesitou. — E você encontrou alguma coisa?

Soltei um suspiro frustrado. — Claro que não. Harriet e Selene não sabiam nada sobre ela. Elas só me atraíram até lá para que Selene pudesse me usar como usou essas outras mulheres que ela sequestrou. A Aranha ainda é um fantasma.

Talvez fosse minha imaginação, mas algo que se pareceu muito com alívio passou pelo rosto de Xavier, antes que ele o cobrisse com um sorriso largo. Xavier parecia ser um bom sujeito, mas às vezes, eu me perguntava de qual lado ele realmente estava - porque eu não achava que era o meu.

— Então, isso significa que você está indo para casa agora? — ele perguntou.

— Na verdade, estou morrendo de fome, — Eu disse. — Pensei em passar pelo Pork Pit e conseguir algo para comer primeiro. Você quer vir? Eu vou comprar.

Aquela emoção esquisita encheu os olhos de Xavier de novo. — Não, está tudo bem. Você vai em frente. Tenho que ir checar Roslyn de qualquer maneira.

Assenti. Eu não sabia por quanto tempo Xavier fora apaixonado por Roslyn, mas o gigante mal saíra do lado de Roslyn desde que Elliot Slater a tinha sequestrado e

espancado. Eu admirava a devoção de Xavier. Talvez se tivesse sorte, algum dia eu encontraria um cara para me amar do jeito que Xavier amava Roslyn.

Por um momento, o rosto de Finnegan Lane surgiu na minha mente, mas eu empurrei a imagem para longe. Finnegan Lane podia ser sexy de um jeito convencido e bajulador, mas o sórdido banqueiro de investimento estava tão longe de honesto, leal e devotado quanto você poderia ficar. Eu ouvira abundância de rumores na delegacia sobre todas as mulheres com quem Lane dormira - e eu não tinha nenhum desejo de ser apenas outra conquista dele.

— Bria? — Xavier perguntou. — No que você está pensando?

— Nada, — Eu disse, tentando ignorar o fraco anseio que sempre sentia quando pensava sobre exatamente quão verdes os olhos Finnegan Lane eram. — Absolutamente nada.

Xavier andou comigo até o lado de fora, e nos despedimos. Vinte minutos depois, deslizei para uma cabine na parte de trás do Pork Pit.

A churrascaria era a apenas alguns quarteirões de Última Chamada, onde eu passara a tarde com Harriet e Selene, mas o Pork Pit era um mundo à parte do decadente e degradado dive bar. Claro, as cabines de vinil azul e rosa do restaurante podiam ter alguns anos, e as trilhas de porco azul e rosa no chão que levavam aos banheiros dos homens e das mulheres poderiam usar uma camada de tinta fresca. Mas não importa quão gasto era, tudo era limpo e polido, das mesas para os pratos para o longo balcão que descia a parede de trás. E o cheiro era apenas celestial - açúcar e especiarias misturados no ar até eu quase poder provar o doce, esfumaçado molho de churrasco pelo qual o restaurante era famoso.

Era pouco antes das seis, e a corrida do jantar ainda estava forte. Os garçons se apressavam pelo restaurante carregando pratos com pilhas altas de fumegante churrasco de carne bovina e sanduíches de carne de porco, enquanto uma anã usando um colar de couro preto em volta do pescoço servia tigelas de feijões cozidos atrás do balcão. Sophia, acho que era o nome da anã. Meu estômago roncou, e eu olhei pelas vitrines e esperei uma garçonete me notar.

— Dia difícil, detetive? — uma voz simpática murmurou um minuto depois.

Olhei para cima para encontrar Gin Blanco de pé ao lado da minha cabine. Gin era a proprietária do Pork Pit, uma mulher esbelta, mas de aparência forte com cabelo castanho escuro e olhos que pareciam mais cinza do que azul para mim. Ela usava um avental de trabalho azul sobre um par de jeans e uma camiseta de manga comprida.

Eu não sabia exatamente como me sentia sobre Gin, especialmente já que não tivemos um bom começo. Alguém quase espancara Gin até a morte enquanto ela estava saindo de uma aula uma noite na Faculdade Comunitária de Ashland. Eu tinha pego o caso, mas Gin se recusara a me contar quem a atacara. A palavra na rua era que tinha sido Elliot Slater por algum desrespeito que Gin cometera contra Jonah McAllister, um advogado que trabalhava para Mab Monroe. Eu estava interessada em qualquer um que estivesse envolvido com Mab e sua tripulação, e tinha posto minhas vistas em Gin, esperando levá-la a prestar queixas contra Slater ou quem quer que a tivesse espancado.

Gin se recusara, mas eu tinha topado com ela novamente após o confronto de Roslyn com Slater no *Delta Queen*. Eu tive um palpite de que Gin poderia saber onde Roslyn estava se escondendo de Slater, então eu tinha vindo ao Pork Pit. Eu tinha tentado tudo de que podia pensar, até intimidação, para levar Gin a me contar onde Roslyn estava, mas Gin tinha me colocado no meu lugar e afirmado que não sabia de nada - uma afirmação que Roslyn apoiara mais tarde.

Eu pedira desculpas a Gin, é claro, e ela dissera que tinha me perdoado. Na superfície, Gin parecia agradável o bastante agora, mas eu sempre tinha a sensação de que ela pisava com cuidado à minha volta - como se estivesse escondendo algo de mim, embora eu não tivesse nenhuma ideia do que poderia ser.

— Detetive? — Gin perguntou de novo. — Dia difícil?

Dei-lhe um sorriso cansado. — Você poderia dizer isso.

— Bem, algum bom e quente churrasco vai consertá-la direito. Então, o que vai ser?

Pedi um sanduíche de presunto com todos os acessórios, junto com feijões cozidos, batatas fritas, e um chá gelado de amora preta. Gin rabiscou meu pedido em seu bloco, depois voltou para trás do balcão para começar a preparar a minha comida.

Observei-a trabalhar através da multidão de clientes e garçonetes se movendo entre nós. Os movimentos de Gin eram suaves e fluidos, quer estivesse despejando fritas em um prato ou entregando a um cliente o seu troco. Ela tinha uma graça fácil que eu admirava,

movendo-se mais como uma bailarina do que uma cozinheira. Apenas olhar para ela me fazia sentir desajeitada.

Gin também me lembrava de Genevieve.

Tinha me levado algum tempo para descobrir isso. No início, eu pensara que Gin me lembrava de minha colega de quarto da faculdade, mas recentemente, tinha percebido que eu estava realmente pensando sobre Genevieve ao invés. Gin tinha a mesma coloração que me lembrava de Genevieve ter - o mesmo cabelo castanho escuro e olhos claros - e ela tinha a mesma idade que minha irmã estaria agora. Então, novamente, assim como milhares de mulheres na cidade, e eu verificava cada uma que atravessava o meu caminho.

Claro, eu sabia que Gin não era minha irmã. Ela não poderia ser. Eu tinha cavado os antecedents de Gin, quando estava investigando quem poderia tê-la espancado, então eu sabia que Gin tinha sido órfã quando criança e que um primo distante, Fletcher Lane, tinha finalmente a acolhido. Ela herdara o Pork Pit de Fletcher depois que ele foi assassinado há alguns meses. Em um interessante capricho do destino, Gin também acontecia de ser a irmã adotiva de Finnegan Lane.

Ainda assim, eu não pude evitar a pequena pontada que perfurou meu coração ao saber que Gin não era Genevieve. Seria... agradável pertencer a um lugar como o Pork Pit - algum lugar tão quente e convidativo. Talvez fosse por isso que eu comia no restaurante o tempo todo, porque tinha essa sensação aconchegante que a minha própria casa não tinha, desde que Elliot Slater e seus homens tinham irrompido dentro e tentado me matar.

— Aqui vai você.

Gin colocou minha comida na mesa, junto com uma larga fatia de torta de cereja coberta com sorvete de baunilha que estava apenas começando a derreter. Essa era outra coisa esquisita sobre Gin - ela estava sempre me trazendo comida extra. Um pedaço de bolo, cookies, um quadrado de fudge caseiro. Eu não sabia por que ela me dava mais do que o que eu pedia. Ao contrário dos outros policiais em Ashland, eu não esperava brindes em todos os lugares que eu fui.

— Eu não pedi a torta, — Comecei.

Gin acenou com a mão, me interrompendo. — Eu sei, mas tivemos extra hoje, e você parecia poder usar algo doce. Desfrute, detetive.

Ela piscou para mim e dirigiu-se ao balcão para registrar a venda de mais alguns clientes. Quando terminou com eles, Gin facilitou-se em um banquinho atrás da caixa registradora e pegou o livro que estava lendo. Eu não conseguia ver o título daqui, embora soubesse que havia uma cópia emoldurada de *Where the Red Fern Grows* acima na parede perto da caixa registradora. Ela me viu observando-a e deu-me um pequeno aceno antes de começar a ler.

Encarei Gin mais um segundo antes de voltar minha atenção para a comida na minha frente. Em vez de pegar meu sanduíche, agarrei meu garfo e cavei na torta de cereja. Eu não pude evitar; sempre tive um fraco por doces. Dei uma mordida e suspirei de felicidade. A fruta morna era a mistura perfeita de doce e azedo, e o sorvete era uma fresca faixa de sabor misturada com a massa folheada, morna e amanteigada.

Notei Gin me observando, e dei-lhe os polegares para cima. Ela sorriu abertamente e voltou para seu livro.

Dei outra mordida de torta. Apesar do dia de merda que tive, me senti um pouco melhor sobre as coisas. Eu podia não ter aprendido nada de novo sobre a Aranha, mas tinha tirado Selene e Harriet das ruas. Essa foi uma pequena vitória. Agora, eu estava comendo uma boa refeição em um restaurante que eu gostava. Eu estava melhor do que um monte de gente lá fora.

Tudo o que restava fazer era encontrar Genevieve, a Aranha, ou o que quer que ela estivesse chamando a si mesma nestes dias. O que eu ia fazer com ela depois, se eu ia ou não entregá-la por ser a Aranha, bem, eu ainda não tinha decidido sobre isso. Mas eu ia encontrar minha irmã - logo. Podia sentir isso em meus ossos.

Não importa o que.

Fim



Esta obra foi traduzida pelo grupo de Tradução After Dark (TAD), de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato ebook. O grupo é ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. A Comunidade tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, a Traduções After Dark, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download do livro cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao **uso pessoal e privado**, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, blog, sites e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderão individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo-se os grupos citados no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.